

GOIOBANGO



Odair Roberto da Silva

Ubiratã - Paraná

Abril de 2008

©

Todos os direitos reservados

DEDICATÓRIA

- À memória de meu saudoso pai, que nos foi um professor, apesar de ser iletrado.
- À minha mãe, exemplo de vida no trabalho e na defesa de valores humanos e cristãos.
- À minha filha Juliana Giuffrida da Silva, na esperança de que persevere no caminho de dignidade e honradez.
- A todos os familiares, principalmente os irmãos, irmãs e sobrinhos, pela compreensão dedicada.
- Aos amigos literatos, principalmente os integrantes da Aliubi, por compartilhar dos desafios desta missão.
- Aos companheiros da Cuíca, por acreditar num ideal que acalentei desde a adolescência e me ajudar a transformar um sonho em realidade.
- Aos amigos e companheiros da imprensa, com quem divido, de tempos em tempos, a luta árdua e ao mesmo tempo gratificante.
- Ao povo honesto e trabalhador de Ubiratã, possuidor de uma infinidade de valores culturais que merecem ser registrados para a posteridade.
- À minha querida terra natal, que apesar da ausência física continua presente no meu coração e nas minhas lembranças, pelos poucos, mas bons anos que ali vivi.
- A todo leitor que deste trabalho vier a tomar conhecimento.
- Não em último lugar, um agradecimento todo especial ao bom Deus Criador, pelos dons que me concedeu e pela tolerância em minhas fraquezas.

A Cláudia tinha virado vedete na Chapada dos Guimarães. Muita gente a conheceu. Sua fama se espalhou por aí que nem notícia ruim. Você sabe, meu compadre! Se a coisa tem um metro, aumentam pra dois e vinte. Quando chega lá na frente, tem quatro e setenta. Assim foi a onda de sucesso que a Cláudia conseguiu.

Até eu quis conhecer a danada. Mas não tive como realizar meu intento. De mais a mais, que ia eu fazer naquelas paragens? Rapagote de quase nada. Nem barbado era. Nem dezesseis anos tinha. Ainda não havia completado o primeiro grau. E enfrentar o sertão de Mato Grosso, derrubar mato, encarar de perto o serviço braçal pesado de uma desbravação... Meu pai teve este carisma. Mas eu fui criado em zona de serviço menos difícil. E encarar a dureza de vida que a gente podia enfrentar naquelas terras matogrossenses, nos arredores da Cláudia...

Meu pai foi lá e gostou. O velho entendia de mato, desbravou muitos alqueires no Norte do Paraná. Mineiro de raça qual muitos homens não são, hoje. Passado dos cinquenta, inda tava com coragem de enfrentar o sertão. Queria derrubar mato, plantar café: queria voltar ao passado, seu passado. Vimos àquilo com receio, acostumados com o serviço mais tranqüilo da terra mecanizada, trabalho com trator... E pensar em enfrentar o mato?! Ah, não! Mas o velho quis. Comprou um terreno, dividiu em quatro partes e passou cada uma no nome de um filho. E cada um se comprometeu a ajudar a pagar o saldo devedor. Jordão, mais velho entre os cinco irmãos, preferiu ficar fora da negociada.

Mas quis o destino, por desgraçada ironia, que o velho não mais pisasse aqueles campos. Acometido de um mal repentino, deixou viúva a esposa. E os filhos, sem o guia que nele tinham. Foi-se. Descansou, na paz de Deus. Se Deus assim o quis, assim se fez. Se é que aquilo foi da vontade de Deus, né!

Veio então um governo novo no país, rompendo com os traços sanguinários da Ditadura Militar. Verdade ou não, o povo não se preocupou muito em saber. A Nova República chegou, sem muito de novo, na verdade. O sensacionalismo dos noticiários fez muita gente tremer nas bases. O governo prometia ser duro na redemocratização. Prometeu até Reforma Agrária!!! Cá entre nós, meu compadre, aquilo tudo não passou de interesse eleitoreiro. Tempos depois sentimos a farsa da política. E mais tarde, outras. Plano Cruzado, Plano Verão, Plano Brasil Novo... Bom, mas a gente não vai se precipitar. A gente tava lá atrás. E falava da Reforma Agrária que o dito cujo presidente prometia. Terras improdutivas iam ser confiscadas para a Reforma.

Os terrenos da Cláudia corriam risco. Se a gente do governo baixasse naquelas terras ia saber que há quase dez anos estavam lá sem mexer, depois que os donos compraram da companhia colonizadora. E daí?

Daí que deu em nossa telha de desfazer daquelas terras. Para lá a gente não tinha a intenção de ir, mesmo. Encarar o sertão, meu irmão, pra quem se criou em serviço mais ameno, não era de sã vontade, certamente. Além disso, não ia ser preciso aventurar em terras novas pra conseguir alguma coisa. A gente já tinha uns pedaços de chão pra morar, trabalhar e em riba deles morrer. E nem as terras da Cláudia eram tão boas quanto se esparramou no princípio.

Dito e feito: vendemos o terreno. Veio o corretor e trouxe o comprador, que era lá daqueles cantos mesmo. Papel passado, dinheiro na conta. Investimento não muito rentável, concluímos. Mas o velho tinha desejado viver novas aventuras quando comprou as terras. Respeito patriarcal tinha a gente por ele. Concordamos. Depois que ele se foi, nossos planos mudaram. A realidade da vida mudou radicalmente. Preferimos ficar aqui mesmo. Pode parecer que não, mas no Paraná existe um bom pedaço de céu pra quem não tem preguiça de trabalhar.

* * * * *

A Reforma Agrária anunciada não tinha assustado somente a gente. Pegou de surpresas a muitos outros. E gente da alta. Uma companhia de grandes posses possuía aquelas terras cravadas entre o Saracura e o Goiobango, a uns sessenta quilômetros de casa. A mata fechada, coisa rara na região, foi cortada em lotes miúdos. E estes, vendidos a preços razoáveis. Um sertãozinho em pleno centro-oeste paranaense. Picaram a mula para lá os interessados, compraram conforme podiam. As propostas eram boas.

As melhores partes, os mais vivos pegaram. Nos lotes pequenos, gente fraca na maior parte. Depois, machado, foice, moto-serra e fogo. Em pouco tempo a mata tava reduzida a uns pequenos trechos. Muitas árvores tombadas. Uma estradinha feia feito a política agrícola de todos os tempos ligava os lotes, na cabeceira. Dela desciam todos os lotes. Para a direita, terminavam no Goiobango; na esquerda, no Saracura. No findar da estrada os rios se encontravam. Daí pra diante a “civilização” já tinha chegado de há muito.

A proposta do mano Zeca veio logo no dia que o comprador das terras da Cláudia passou a bufunfa pra nós. Mas tinha gente na frente; respeitamos. Sabedores depois que aqueles tinham desamarrado a égua, brucutu: entramos em cena. O dinheiro vindo de Mato Grosso era mixaria, a terra de lá pouco valia, naquelas épocas de então. Mas, juntando forças, ia ser possível comprar outro terreno. Dinheiro aplicado em terras é investimento seguro. Ladrão não rouba, fogo não queima.

Uma questão: havia grilo. O elemento comprou a terra da Companhia, derrubou uma área na cabeceira e outra nos fundos, deixando a reserva exigida por Lei no meio, numa área quebrada, de pedras, terreno menos adequado pro cultivo. O cabra não pagou direito e a firma tomou a terra de volta. Até aí, tudo bem. Mas o caboclo havia derrubado um trecho

até na barranca do Saracura, de contrário com as exigências. Por isso foi multado. Como perdeu o lote, quem comprasse ia ter de assumir a multa também.

Nas conversas, uma pergunta: o terreno era bom? Se era! O Zeca conhecia. Terra roxa, quase igual aos nossos. Ia dar trabalho pra colocar em ordem. A terra de perto do rio tinha um pouco de piçarra, tava coberta por um capoeirão medonho, muita coivara. Mas a parte alta era jóia. Quando destocada, nem ia precisar curva de nível. Ótimo chão. Além disto, quem tem pouco tem de se contentar de ter o que consegue. Pior ia ser se não conseguisse nada, né!

Passaram uns dias. Alguns encontros aconteceram entre a gente. Reunimos nossas forças, estudamos nossas possibilidades: os prós e os contras da sociedade. Depois, o acerto. Catamos o Jordão de sócio e compramos a terra. E lá fomos nós, visitar a área comprada. O Zeca levou a gente, conhecia bem aquelas espeluncas. Tinha outro sítio um pouco mais além, no findar da estradinha. Conheceu o dono anterior da terra. Mostrou as divisas, a parte alta, o mato da reserva, a parte dos fundos. Aquele capoeirão dava até medo. Lá embaixo, o rio. E o minguado trecho que gerou a dita multa.

Na parte alta, as bananinhas: sinal de trabalho pra escorraçar as danadas de lá. E veias duras esparramadas pela área: eram os carreadores dos madeireiros, quando a mata foi derrubada. Mas não tava tão difícil pra colocar aquele trecho em situação adequada, embora tivesse de ser na enxada. Mas, tudo bem! Pra quem se criou no cabo da enxada, era sopa aquele serviço. Eu? Não! Os outros! Mas eu tinha lá os meus interesses em enfrentar serviço daquele tipo. Chegava de mordomia. Olha eu achando mordomia os serviços de terra mecanizada!!! Queria conhecer o duro da empreitada. Aventura, alimento do aventureiro. Eu me sentia um aventureiro. Queria conhecer mais o mundo. Aquilo me alegrava. Era um novo tempo para mim. Coisa de juventude, meu compadre. Vinte e uns anos, serviço militar prestado, segundo grau concluído...

* * * * *

Como já estava bastante adiantado o tempo pro plantio do milho, tratamos limpar o terreno o quanto antes, a fim de que o mesmo não fosse plantado tarde demais. Assim, num final de semana, demos os últimos reparos no preparo duma equipe que ia lá pra propriedade, onde ia ficar por uma semana, trabalhando. Na manhã do sábado chegou o Denil, rapaz de vinte anos, alto e magro feito um coqueiro, bom goleiro e ótimo caçador: sobrinho nosso. Lico foi até a cidade e contratou dois: gente do pesado, de pegar firme no pé do eito. Já haviam trabalhado muito naquelas redondezas, principalmente na outra propriedade do Zeca. Ajudaram desmatar, plantar e colher.

Nossa mãe era quem mais se preocupava. Arrumava uma vasilha, um alimento, uma roupa... Bronqueou a mim, que por vezes não me

incomodava muito pelos troços que tinha a fazer. Cobrava de um tudo. Já arrumou a enxada? Vai levar uma lima? O chapéu, cadê? Sabe o que o Zeca vai trazer? O que vai ser preciso levar, de comer?

Chegou a madrugada da segunda-feira, derradeira semana de outubro. Inda tava um pouco longe a barra do dia. Dino e Zeca chegaram em nossa casa, cada qual no seu carro, dois fuscas de igual cor. Nossa mãe tratou de fazer uma ladainha de pedidos aos filhos a fim de que não deixassem nada para trás, no dia de voltar. Denil ia ser o cuca: recebeu um rosário de orientações da avó. Desde como preparar o almoço daquele dia (o feijão ela já havia cozinhado naquela madrugada) até pontos que já havia recomendado aos outros. Bronqueou a nora por alguma coisa que faltava pro Lico, me apressou pra levar as coisas pra dentro dos carros. Na saída inda recomendou que a gente tomasse muito cuidado.

Na cidade, paramos numa vila pra apanhar os dois homens que iam mais a gente. Jordão já tinha previsto que não ia participar dos trabalhos concernentes ao cultivo da terra. Ia ficar apenas como sócio-proprietário. E Dino não pôde ir: tava demais ocupado na construção da nova casa no sítio onde morava, sítio que na morte do nosso pai recebeu por herança em parceria com o Zeca. De assim sendo, contratou Denil pra lhe substituir. Os outros dois homens estavam por conta dos quatro sócios, juntos.

O carro do Dino ia ser usado na viagem e eu já tava na boléia desde que saímos de nossa casa. A mando do Dino entrei por uma rua esburacada e parei nas imediações dum barraco. Descemos. O dia começava dar sinal da aurora. A cidade, silenciosa. Um rádio ligado, numa casa das proximidades, cantarolava uma música típica para a madrugada.

Uma coisa preocupava o Dino: será que os dois iam mesmo? Lico tranqüilizou o irmão: trataram firmes. Homens de duas palavras é que não eram. Em pouco iam aparecer ali. Atrás duma moita de bananeiras, uma casinha. Nela, uma luz acesa. Era a moradia do Elói. O Dunga? Morava um pouco adiante, na rua que cruzava. Zeca tinha ido buscar o homem. Nisto surge Elói, saindo de trás das ditas bananeiras, vindo na direção da gente. Saudou a nós, no seu sotaque caracteristicamente nordestino. Eita, diacho! Então a gente ia passar uns dias na beira do Goiobango?!!! E soltou uma típica e espalhafatosa gargalhada.

Trocamos ali umas palavras enfiadas no meio das outras. Dino explicou pro Elói que não ia mais a gente. Precisava ficar pros serviços na casa que tava construindo. Ia ficar aquela manhã na cidade, pra um compromisso de muita importância. A reunião só ia começar lá pelas oito e meia e inda era madrugada. Tinha de achar um jeito de se ocupar até o começo da dita.

Zeca chegou, trazendo o Dunga. E a gente se pôs a caminho, marchando na direção do sítio. Cruzamos a cidade pelo meio, desviamos da Polícia Rodoviária, tomamos a BR, depois a rodovia estadual, entramos no município vizinho e lá fomos nós. Na entrada da outra cidade tomamos outra direção, seguindo por uma estrada de chão batido. Num arraial uns quilômetros adiante paramos para algumas compras. O dia já havia

amanhecido. O sol brilhava no céu limpo, azul. Percebemos que um pneu do carro do Dino, cujo motorista era eu, tava furado; trocamos o danado e levamos até a borracharia. Aguardamos um bocado de tempo até que o borracheiro se levantou e, sem pressa alguma, veio nos atender.

Pneu consertado, pé na estrada, rumo ao vale do Goioabango.

* * * * *

Quando cheguei mais o Denil e o Elói ao destino o sol já tava alto. Logo nos primeiros metros da cabeceira da propriedade havia um carreadorzinho que entrava menos de cinqüenta metros. Ali tava parado o carro do Zeca. Ali parei também. Descemos. Olhamos ao redor. Zeca, Lico e Dunga já trabalhavam na construção do barraco onde a gente ia deixar o galo-de-briga. E ali a gente ia pernoitar também.

O trabalho começou com muita animação. Fizemos o nosso barraco aproveitando uns paus fincados, antigos esteios dum casebre que abrigou o casal que ali residiu, donos anteriores daquela área. Estiramos umas varas e por riba colocamos encerados, pra abrigar a gente do sereno e da chuva, caso essa viesse. Os encerados desciam da cumeeira até o chão, formando teto e paredes do biongo. Nos dois cantos do fundo ficaram frestas. Medindo uns quatro metros de comprimento por uns três de largura, o barraco tinha os fundos voltados pro nascente e a frente pro pôr-do-sol. Esta, inclusive, deixada sem proteção, totalmente aberta, oferecia livre trânsito por entre as bugigangas colocadas no interior do barraco.

Um torete de madeira grosso e curto, deixado pelos madeireiros que ali trabalharam tempos antes, foi colocado dentro do barraco: era a “mesa”. Com uns tijolos e uma chapa encarvoada foi construído o “fogão econômico”. Mais dois toretes, menos grossos e mais compridos, foram colocados logo na entrada da “porta”, encostados na “parede” em pé, e sobre o topo deles pusemos uma tábua grossa e comprida: era o “armário”. A “pia” era uma bacia, onde o Denil ia lavar os trens da “cozinha”. E tinha ainda os “bancos”, pequenos toretes de pau roliço, cortados com moto-serra.

Estendidas que foram as lonas e arrumada a “cozinha”, Denil se pôs a trabalhar no almoço, visto que o sol já tava mostrando dia velho. O restante do grupo, alimentando as enxadas, principiou a capina nos arredores da “casa”. As enxadas, levantadas a uma pequena altura, no domínio da força dos nossos braços desciam cortando o ar, indo bater nos pés das ervas, nos brotos e raízes, ferindo o chão vermelho, nalguns trechos bem pisado.

Tempos antes aquela gleba era mata fechada, tinha muitos passarinhos, bichos pequenos, uma infinidade de insetos. As árvores foram derrubadas e levadas para as serrarias; meteu-se fogo no que não dava pra vender e a terra ficou limpa, quase. Apenas algumas árvores secas e outras queimadas em parte e estiradas em riba do chão, sem vida, ali restavam. Foi plantado milho na única safra que daquele chão se tirou até então. O

solo, sem cuidados, ficou coberto por pequenos arbustos, brotos das antigas árvores, cipós e ervas. Era essa vegetação que agora ia ser cortada para que a terra ficasse limpa, em condições de nela ser lançada a semente que certamente ia produzir a próxima safra. Aqueles ramos iam se transformar em reposição pro solo; alguns tinham de ser queimados, pra que pudesse o local ficar nas condições mais ou menos adequada.

Lá no barraco, os olhos avermelhados pela fumaça que subia da lenha a fumar por debaixo da preta chapa de ferro, em riba da qual também tinha um bule com café, o Denil gritou que o grude já tava pronto. Mais umas enxadadas e o Zeca resolve: a gente ia comer. Já tava passando da hora. E tirando do bolso o comedor de farinha, consultou os ponteiros: quase onze horas.

Fomos pro barraco. Usando um caneco de alumínio, velho e amassado, um apanhava água no balde e despejava nas mãos do outro. Assim, todos lavaram as mãos e ficaram prontos pro almoço. Então o cuca mostrou: numa panela tinha arroz; noutra, feijão. Ali, salada de tomate e cebola cortada em rodela; aqui, mortadela. Pratos e garfos, aqui. O resto, por conta de cada um.

Eu queria tomar um gole d'água... Não sabia aonde haviam guardado o caneco e o Denil mostrou: ali, em riba do "armário". Onde? E o Denil, rindo, respondeu que tava no "armário". Aí o Zeca se admirou. Ué! Quer dizer que aquele troço se chamava "armário"? E o Denil, que havia colocado nome nas coisas daquele aranzel, explicou: aquilo ali é o "armário", esta é a "mesa" com a "pia" e aqui está o "fogão econômico", perto da "porta" da "cozinha"... Rimos do que ouvimos. Servimos nossos pratos e sentamos. Pra completar o sarro Lico disse que ia pegar o "banco" e trazer pra dentro de "casa". Foi o suficiente pro Denil se desgrajar de tanto rir.

* * * * *

Marcava o relógio perto de dezenove horas, horário de verão. O sol inda brilhava mostrando seu calor, apesar de que no cair da tarde o ar se tornou muito agradável. Paramos as enxadas, trocamos umas conversas sobre o dia de trabalho, o lote, as derrubadas que aconteciam em lotes da vizinhança. O velhote Elói garganteava trabalhos feitos na propriedade do Zeca e na do Tatá, amigo nosso. Zeca e Lico fumavam, Dunga conferia o fio da enxada. Eu olhava os arredores, contemplando a paisagem, pensando em como ia ficar aquela área depois de limpa, a plantação crescida.

Voltamos pro barraco. Apanhamos aquilo que necessário era e caminhamos pro banho. Não quisemos tomar banho na bica a poucos metros da "casa", que aproveitava a água duma nascente no lote vizinho. É que esse fio de água cruzava a estrada e caía no lote em frente, no meio da mata. De tarde sempre passava algum caminhão de madeireiro. Então a água ficava impréstável pra banhar. De assim sendo caminhamos na direção do rio, levando sabonete, toalha e roupa limpa. Lá chegando a

gente se despiu, ficando só de cuecas. E entramos no riacho, aproveitando o local onde o antigo proprietário desmatou onde não devia. Inda bem! Ali tinha um trecho do riacho sem mata na margem direita, na qual situava o nosso lote. E a gente pode usar dele pro banho. Nadar, nada. Por isso tinha de jogar água sobre o corpo usando uma vasilha. Terminado o banho, sempre em revezamento para que o barraco e os pertences não ficassem sozinhos, a gente voltou. O Zeca, quando saímos do banho, me mostrou uma coisa. Por causa de um trechinho de nada – e descreveu as linhas – foi cobrada aquela multa. E se a gente não pagasse a multa o lote não ia ser liberado.

Chegamos no barraco. O sol já havia se escondido. As sombras se espichavam, cobrindo a terra. Tarde silenciosa, fresca, gostosa pra apreciar o mundo. Diante do barraco me estaquei em silêncio. E observei a natureza que à minha volta existia. O ronco dos motores de carros, distantes. Ali raramente passa um carro. De quando em quando se ouve o barulho d’algum caminhão dos madeireiros, chegando vazio ou saindo com uma carga de toras, indo na direção da serraria. A gente tava a mais de sessenta quilômetros de casa, no meio daquela área onde uns meses atrás tudo era mata.

Os passarinhos cantam naquele entardecer, nas matas e nas derrubadas. O canto de surucuá ecoava por aquele trecho de terra desbravada, situado entre as duas nesgas de matas nativas deixadas como reservas ambientais: vinham das margens do Saracura e do Goiobango. Não se ouvia as barulhentas moto-serras. O canto dos passarinhos era mais destacado naquele fim de dia. Na casa do vizinho um cabritinho se põe a berrar. No casebre à sombra duma árvore frondosa, uns duzentos metros antes de chegar ao nosso barraco e do outro lado da estrada, um garotinho grita pelo terreiro. Naquele dia ele esteve andando pela estrada, bem onde seu pai depois matou uma cobra.

O dia chega ao fim. A luz do lampião a gás clareia as imediações do barraco, bem como o seu interior. No barraco o grupo se acomoda pra jantar. Não há televisão, não há rádio. Tudo está em silêncio. Só se ouve os passarinhos que inda cantam. Ali a vida parece ter mais sentido, ser mais bonita. A gente tava rodeado pela natureza bela e serena, infelizmente castigada pela derrubada das árvores. E estas, reduzidas a cinzas, quando não vendidas. Tudo pra satisfazer as ambições e necessidades do homem.

A menos de dez metros da “porta” do barraco onde tava nosso grupo havia outro. Mais baixo, mais fechado, abrigava um grupo de madeireiros duma cidade da região, que tiravam toras para a serraria na qual trabalhavam. Chegaram num trator, parando a máquina entre os dois barracos. Cumprimentaram a gente e se dirigiram pro barraco deles.

* * * * *

Jantamos. Denil apanhou as vasilhas pra lavar. Os demais se acomodam como podem, nos “bancos” ou no chão. E ali ficam a conversar,

enquanto a noite desce em definitivo e cobre tudo. Dunga quis saber do Zeca que tanto de terra ia ser preparado para aquele plantio e o mano explicou: apenas a parte alta do terreno, da estrada até a reserva. A dos fundos, coberta por aquele capoeirão medonho, lenharada danada, terra onde havia um pouco de piçarra numas manchas, ia ficar pro ano seguinte.

O tempo tava curto demais para preparar tudo. Findava outubro já. Passava o tempo bom de plantar milho. Ia ser preciso mais de uma semana a mais para preparar também aquele terreno baixo, perto do rio. Na enxada, ia dar muito serviço. Terra mal-descoivarada, tava cheia de lenha e galhadas que só vendo. Pra fazer de foice, até que secasse e queimasse já ia ser metade de novembro. Muito tarde pra plantar milho, na opinião do Zeca.

O melhor então era deixar como tava. Preparava a cabeceira do lote, perto de um alqueire e meio, talvez alqueire e três quartas. Ali, bem mais fácil. Nalguns trechos havia pouco serviço. Noutros pesava mais. Mas quase não havia pau, não havia coivara. Isso facilitava o serviço. A decisão então era preparar aquele quadro, plantar, cultivar aquela safra. Para o ano seguinte, principiava o preparo mais antes, com bastante tempo. E preparava toda a área aproveitável. A da cabeceira então já ia estar limpa. A dos fundos então roçava, tirava a lenha, queimava e plantava.

Além disso tudo, a gente não tinha apenas aquele sítio pra cuidar. Tinha os sítios onde a gente morava, nossas roças de soja, milho, arroz, um bocado de feijão, uns trechos de pasto. Tudo isto dá serviço no verão. Não podia brincar muito ali. Precisava cuidar dos serviços dos outros sítios. Se não, brincou o Zeca, a sua roça ia ficar parecendo roça de nego preguiçoso.

Elói, velhote piquira, tigüera, entrou na conversa, desdenhando da maneira como o Zeca havia falado, desmentindo, descendo-lhe o sarrafo, como se falasse sério. E vejam só! Como é que podia uma coisa assim?! E o Zeca dizer que sua roça ia ficar parecendo roça de nego preguiçoso, caso demorasse ali! Não ia ficar: já era! Ele não saía da porta dos botecos, deixava a roça no mato. Aquilo era até uma vergonha.

O Zeca revidou. Ora, mas onde é que a gente estava? Acaso ele era igual ao Elói, que vivia batendo pernas pela cidade? Era cara de vergonha na cara, pessoa do batente. Pessoa que trabalhava no cabo da enxada e não fazia cara feia. Elói não quis ficar para trás, apesar de ser apenas uma brincadeira – pois eram muito amigos e esse modo de brincar sempre acontecia entre os dois. Elói apelou. Dizer que o Zeca era trabalhador era um pecado; sua esposa e filhas é que cuidavam da roça. Se não fosse elas irem pro cabo da enxada, o Zeca ia ter de entregar o sítio pra cooperativa, pra pagar financiamentos.

Os dois riem do que dizem. E o Zeca, pra esculhambar o resto, pergunta ao Elói se ele não desconfia que pelo seu tamanho já falara demais... Aí o Elói se queimou! Levantou, falou alto, contra-atacou: era pequeno, minguado, franzino, um merda de nada. Mas era de enxada e duvidava de alguém dizer que há havia trabalhado mais que ele naquelas beiras do Goioabango. E o Zeca era prova disso.

Agora, mudando o tom de voz e feições, começam a lembrar os feitos naquelas bandas. Concordam que muito Elói trabalhou por ali. Dunga confirma: conhecia muito bem a história de Elói e aquelas terras desbravadas de mais recentemente no vale do Goioabango. Ali Elói passou mais tempo que junto da família, naquele ano. Foi trabalho duro, suado, pesado. Trabalho pra quem se criou na dura lida do campo. Trabalho que pó-de-arroz não faz.

Ali, naquelas quebradas de terras novas, suando no meio da cinza das queimadas, pau encarvoado, cipó, espinho, toco de taquara, mosquito ferroando, marimbondo zoando pelas galhadas... Primeiro, a roçada. De foice. Cortava os ramos mais fáceis, os arbustos, batia o mato, deixando só as árvores. Estas, o machado e a moto-serra derrubavam. Repicava os galhos, deixava a derrubada secar e metia fogo. Aí, passados uns dias – depois de uma chuva, preferencialmente – quando o braseiro se apagava de quase todo, vinha pra descoivarar. Cortava os galhos finos, os troncos mais leves que sobraram da queimada, amontoando e queimando novamente, preparando melhor o terreno pro plantio. Aí é que se enchia de cinza e carvão. O dia todo. Dias a fio naquela labuta.

É, compadre! Serviço braçal, serviço pra gente bruta, homem grosso, sem estudo, pé-rachado. Pó-de-arroz, meu compadre, seu lugar é outro. Ambiente com ar condicionado, cadeira com rodinhas, chão acarpetado, rádio FM tocando esses troços estrangeiros, batuques bestíolas. O grosso da roça trabalha ao ar livre, temperatura conforme a natureza lhe oferece. Escuta o vento, os insetos, os passarinhos, o barulho do instrumento que maneja. Tendo companhia, de vez em quando troca umas palavrinhas. Poucas, pra não perder tempo. Quando param pra refeição é que conversam mais. Pitam, trocam idéias, descansam um bocado o corpo cansado, soltam uns ventos com gosto. Depois voltam pra lida dura.

Elói já tinha feito de tudo isso naquelas beiras de Goioabango. Na terra do Zeca, na terra do Tatá. Roçou mato, derrubou, descoivarou, plantou, capinou, colheu... A gente ria da maneira desengonçada com que Elói descrevia seus feitos naquelas redondezas. Ele continuou. Na terra do Zeca, quando iam deitar, dava vontade de dormir em pé, mesmo. O danado, unha de fome como era, não trouxe colchão, tiveram de dormir em riba de uma esteira feita com pau roliço e forrada apenas com um acolchoado. Pela manhã parecia que tinham dormido numa cama de espinhos, de tanto que doíam as costelas e o espinhaço. O Zeca, rindo do relato do amigo, relembra que ainda tinham de fazer comida com a água do rio.

Tomam fôlego. E admitem: agora, passado tudo isto, riem do que fizeram. Mas naquele tempo o jeito era se virar como podiam. Casa pra ficar não existia. E precisavam derrubar o mato. O jeito foi encarar a vida com a cara e a coragem.

Nisto percebemos que um dos madeireiros do barraco vizinho se aproximava. Zeca o convidou a entrar. Mas o homem se deteve na entrada do nosso barraco. Deu-se a conhecer, comentamos sobre o trabalho, a situação da estrada que passava na cabeceira dos lotes – aquela a poucos

metros dos barracos – que tava cheia de buracos, muito estreita e tinha uma grande poça nas proximidades da outra, na qual desembocava.

Cansado pelo trabalho do dia o madeireiro preferiu ser breve nas conversas e logo voltou para o seu barraco, pro merecido descanso. Inda trocamos mais umas conversas. Mas, levados pelo sono causado pelo cansaço do trabalho que conseguimos fazer naquele dia, principalmente porque dormimos pouco na noite anterior, tratamos de acomodar os esqueletos em riba da improvisada cama coletiva que arrumamos nos fundos do barraco. Cada qual tratou de retirar os abrigos que trouxe, ensacados em sacos de pano branco, e preparar a própria “cama”.

Dormimos. Noite sem luar, silenciosa, céu sem nuvens. O rude casebre de “porta” aberta, os cantos dos fundos em frestas. Frio não fazia, nem muito calor. Clima bom, temperatura agradável pra dormir naquelas condições, faltando pouco pra ser considerado como que dormindo no relento. Lá fora os dois carros brancos, estacionados um ao lado do outro, e o trator, entre os dois barracos; a relva cortada no decorrer do trabalho do dia, a relva a ser cortada nos dias seguintes... E a mata, com sua densa escuridão, seus segredos, guardando entre suas células verdes sua história, sua pesada história. Que ia ter ela a nos mostrar? Que escondia no negror da noite que nos envolvia? Tinha de fato algo de novidade para mostrar, a mata?

* * * * *

O dia clareou. Os passarinhos começaram a cantar nas árvores das já minguadas matas daquele pequeno vale. Despertador não havia. Nem preciso era. A cada minuto daquela noite havia alguém acordado, tal era a situação das “camas”. Sono a gente sentia, mas dormir que é bom, muito pouco. A gente acordava constantemente, com dores pelo corpo todo. Mudava de jeito e dormia mais um pouco, para acordar outra vez e outra vez mudar de lado, seguindo esta rotina até o amanhecer...

Inda tava escuro quando o Zeca se levantou. Em minutos todos os outros já haviam se levantado também. Café da manhã não havia, mesmo porque se fosse esperar por ele ia demorar pra gente ir pro eito. De assim sendo, tendo lavado a cara e alimado as enxadas a gente caminhou pro serviço. O corpo, doído pela má acomodação durante a noite. E nas mãos a enxada, que ia ter de empunhar o dia inteiro.

Ao chegar no lugar onde a gente ia começar o trabalho naquela manhã, virei os olhos sonolentos pro alto, na direção da nascente do sol, que apenas dava sinal de aparecer dentro de pouco tempo. As árvores que sobraram no desmatamento daquelas terras mostravam suas silhuetas na linha do horizonte. E as folhas dos coqueiros balançavam com a brisa que soprava de mansinho naquele começo de terça-feira.

As enxadas começaram a fazer arruaça. Arribadas a uma certa altura do chão, eram bruscamente puxadas para baixo, cortando o ar velozmente e fincando seu fio no seio do solo firme, cortando as raízes das

ervas, os brotos, os cipós. Em pouco tempo o que foi cortado tava todo murcho, já sem vida, pois o calor era forte, a terra tava quente.

Terminado que foi o trabalho daquele dia voltamos pro barraco. Revezamento novamente pra ir ao banho. E depois, quando a noite já se havia descido e todos estavam “em casa”, jantamos. Conversamos sobre o trabalho do dia, problemas da época, histórias do passado e até religião.

Denil e Lico se movimentaram. Empunhando armas, facão e farolete, deixaram o barraco e caminharam na direção da estrada. Foram caçar. Escuridão, meu compadre, que dava até medo. E eles, dispostos a encarar o cansaço e a escuridão pra se aventurar numa caçada. Coisa de doido, sabe! Mas nesse mundo tem gente pra todo tipo. E eles lá se foram. E nós, ficamos. No barraco.

O Denil era danado. Tinha vivido bons anos lá em Rondônia. Seu pai desbravou e ajudou colonizar lugares naquelas bandas. Praticamente Denil se formou rapaz no meio do mato. Era mestre em caças. Gostava de pipocar a cabeça dum bicho com um tiro. Tinha mão certa o danado do rapaz. Enfrentou bocadas feias no meio das matas do lugar onde tinha morado. Cabra de coragem, de fato, meu compadre. Coisa não muito fácil de se ver por aí, com esta juventude de hoje, que se borra toda nas calças com qualquer barata!

Quem se cria no sertão conhece a dureza da lida. Sabe como se defender. Sabe lutar pela vida. Não desanima no primeiro contato com a dificuldade. É esperto feito cobra criada. Foi assim o moço Denil, nosso cuca. Tanto que não se grudou muito ao Paraná. Pouco tinha o Paraná a lhe oferecer, depois que ele tava crescido, muito embora fosse paranaense também. O filho do chão acabou por não se sentir bem em casa: o progresso tirou grande parte das características da vida sertaneja. Tudo tava mudado, tecnicado demais pra quem se criou no mato, na dificuldade, na luta. Que bom era o tempo de Rondônia, onde se embrenhava na selva atrás duma caça e via na sua frente um mundo desconhecido, à disposição dos aventureiros!!! O Paraná perdeu suas características mais originais. Cresceu, progrediu, perdeu suas matas, perdeu seu brilho.

Mas foi justamente aquilo que a gente fazia no vale do Goioabango que fez o Paraná perder parte de sua vida. Foram os desbravadores que aqui chegaram, plantaram o pé num solo fértil e promissor. Derrubaram, construíram. Lá em Rondônia, também. Os do futuro hão de dizer isto. Lá estão matando a vida como fizeram aqui, para que o progresso chegue até os mais distantes recantos e propague a civilização. Civilização? Já de muito estão questionando se de fato isto é civilização. Entre aspas pode ser. O senhor entende, não é mesmo, meu compadre?

Pois bem. Denil, moço jovem, forte e corajoso, excelente cozinheiro também, saiu mais o tio Lico pra uma caçada naquelas beiras de Saracura. E passados uns certos e tantos minutos, depois da gente ouvir de onde estava, no barraco, que haviam disparado dois tiros, voltaram os dois com umas coisas nas mãos. Vinham conversando com tranqüilidade. Discorriam talvez sobre caçadas rondonenses. Vinham chegando no barraco. Daí já foi

possível perceber o que tinham em mãos: nada menos que um tatu-galinha e um tamanduá. Cinquenta por cento da caça deu alegria: o tatu-galinha. Mas ficamos entristecidos uns duzentos por cento pelo tamanduá que infelizmente mataram por um desgraçado engano. Pensaram que se tratava dum quati, quando viram o bicho empoleirado numa galhada. O tiro foi certo na mira do Denil. O pobre inocente animal não teve como escapar. Morreu. É a realidade do progresso, meu compadre. O homem cria e desfaz. Mas desfaz e estraga mais do que cria. E o pior é que destrói coisas importantes, sérias, comprometedoras, enquanto cria uns bagulhos que nem sempre compensa o trabalho. Ou satisfaz miseravelmente. E até leva em risco a própria condição, a própria vida. É o ser humano, esse bicho que se chama homem, que não raras vezes não temos nem como entender.

* * * * *

Repenso o sentido do progresso que o homem anseia e defino o ser humano como louco doutor. Conhecedor das desgraças, não teme o quanto devia as conseqüências das próprias atitudes. Mais valem o presente e o lucro. Futuro? Outro que se cuide em dele cuidar. Basta o presente. Ou, como se seguisse de forma a bíblica recomendação: basta a cada dia o seu cuidado.

Pois, meu compadre, olhe bem como são as desgraças das coisas. Vira e mexe estão por aí a dizer para preservar a natureza, mas envenenam a vida com drogas, propagam o progresso descomedido, destroem construindo. Quero ser um peba cascudo se esses mesmos que bradam aos quatro ventos a necessidade de preservação da natureza não são os primeiros a derrubar uma árvore pra construir uma casa no lugar. E desses que andam criticando por aí, meu compadre, noventa e tantos por cento sequer sabem a realidade do mato, as necessidades do roceiro. Por que não essa cambada de cabeça-de-vento achar uma maneira de também sobreviver diretamente daquilo que a natureza oferece? Defendem a natureza. Mas, conhecem o quê da vida do homem do campo, que tanto necessita dela pra sobreviver?

Fico puto da cara de vez em quando sim, meu compadre, porque vejo umas pessoas que inda têm fiapos de cueiros na popa da bunda a querer ensinar ancião de bengala. Ficam na teoria; nada sabem da realidade. É fato verdadeiro que precisamos encarar de novos ângulos a vida. Não sou contra os que criticam o desmatamento desordenado dos sertões. Tem de quê, mesmo! Sou contra uma parte disto, também, meu compadre. O que não me deixa satisfeito nesta história toda é saber – e você, de convir comigo há – que há gente usando de artimanhas pra jogar a culpa no lombo alheio. O desbravador é bode expiatório nesta feita. Em seus ombros recai o pesado fardo de destruidor. Mas, responda-me cá, meu compadre: o que de fato faz o homem da cidade em favor da preservação da natureza, se me não é falta de educação lhe perguntar? Não são eles justamente os que mais matam a terra com as suas construções, os

asfaltos, os luxos exagerados? Quantos dos que se dizem em favor da preservação da natureza conhecem bem de perto as dificuldades que o homem matuto do campo sofre por viver explorado pelo da cidade? E mais: essa reba de poderosos, pesteados de idéias traiçoeiras, a roubar dos suados trabalhadores, não se dizem eles também defensores da natureza? A vida não é a primeira natureza a ser respeitada?

Cada cabeça é uma sentença, já disse alguém, não sei quem, nem quando, nem onde. E nem por quê. Mas me ajunto a esta idéia pra entender as besteiras que por aí vão a dizer. Seria fácil demais até, meu compadre, me colocarem no banco dos réus pelas pombinhas que matei a estilingue quando de ainda criança. Mas os bandidos que matam vidas, matam pessoas, matam inocentes, estão soltos. Uns porque as Leis lhe permitem; outros, porque tiveram dinheiro pra comprar a liberdade. O desbravador que trabalha é destruidor; o vagabundo que rouba e mata, o advogado defende. Enquanto trabalhadores e mais trabalhadores sobrevivem miseravelmente, presos fazem greve pedindo, amotinados, melhores condições. Mas quando ganham a liberdade, praticam novos crimes e voltam para o xilindró. Quando o trabalhador faz greve por um ganho mais merecidamente digno a autoridade chega e desce o porrete, como se estivesse lidando com gente covarde, vagabunda. E tudo com o respaldo dos governantes. Dá pra entender uma desgraça dessas, meu compadre? Diga-me lá: dá pra entender?

* * * * *

Quem havia morrido às dez da noite de há muito já havia acertado as contas com São Pedro quando, à luz do lampião a gás e da fogueira, Denil e Lico davam os últimos retoques no trato ao tatu-galinha que mataram na caçada que de pouco haviam chegado. Limparam o bichinho, ajeitaram a carne do desgraçadinho, deixando tudo nos trinques. Uns já dormiam: Elói e Dunga. Desistiram de dormir no chão; deixaram o barraco quando deu sono e desceram em rumo ao sítio do Tatá: sabiam que lá havia um barraco com camas mais confortáveis. Zeca, Lico, Denil e eu ficamos, mesmo com as “camas” duras do nosso barraco.

Tatu galinha temperado, fomos pro descanso. Tarde já era, meu compadre, mas foi gostoso acompanhar aquela trabalhadeira que os dois tiveram pra tirar a casca dura do sujismundo bichinho. Nem parecia, depois de terminado o serviço, que o danado animalzinho tinha tudo aquilo de carne no corpo. Um montão assim de carne que saiu dum bichinho deste tamanquinho, compadre. Coisa séria, sabe!

Pois bem. A quarta-feira, dia seguinte, foi um dia especial para nós. Trabalhamos duro pra chuchu, pra variar. O suor molhava a camisa inda cedo. Surgiram encrencas pro nosso lado: umas cobras deste tamanho assim começaram aparecer no meio dos matos. Faziam a gente dar uns pulos danados, de susto. Pois, observa só, meu compadre, que no meio daquela pauleira toda, mato até um metro acima do nosso chapéu onde a

gente tinha chegado com o eito, e de quando em quando pintava em nossa frente uma jararacuçu ou um urutu cruzeiro desta grossura assim, ó! Mais grosso que o cabo da enxada! Diabos, digo, meu Deus! Aquilo parecia castigo. Mas, não. Era apenas um lado muito sério de uma vida que muitos não dão a mínima.

Vocês, lá da cidade (nem todos, é claro!) acostumados na vida folgada, metido em terno e gravata, roupa leve, descompromissados; vocês, que não precisam suar a camisa pra ganhar o pão de muitos dias, que trabalham ouvindo um sonzinho na maciota... Pois bem, meu compadre! Vocês, que vivem esta vidinha folgada, fácil, na cidade, não sabem bem como é a vida do homem do campo, as lutas que ele tem de travar com a própria natureza. Vocês estão lá na cidade, não têm conhecimento das nossas dificuldades. Se soubessem como é dura a lida aqui no campo... Demais certo, iam entender melhor muitas atitudes do homem rude do campo, seus modos grosseiros, às vezes tido como injusto, cruel, assassino. Pode ser. O homem do campo tem lá os seus defeitos. Tem lá seus crimes. Tanto quanto o que destrói a vida na cidade por causa do progresso, do lucro, da luxaria, da grandeza material, da soma de dinheiro que se reverte em benefício dos próprios bolsos.

Meu compadre, você há de compreender que falo com toda a honestidade que me é possível. Pois sou homem do campo, grosso como a vida me ensinou a ser. Ignorante, mas de consciência tranqüila de que o que sou devo a Deus e a quem me fez ver a vida com seriedade: meus pais, meus antepassados. Se a escola muito me ensinou para o estilo de vida da sociedade moderna, mostrou também que não raro os diplomas destroem em parte a vida do indivíduo: cada vez mais faz dele um escravo do dinheiro, da competição, do materialismo.

Queira Deus que eu esteja agindo de forma correta ao lhe dizer nestes termos, meu compadre. Pois acho muito injusto quando se voltam pro homem do campo e o acusam de destruidor da natureza, quando tais mesmos desgraçados sequer levantam as mãos aos céus em agradecimento a Deus pelas mãos que lavraram a terra para que eles tivessem em suas mãos os alimentos com que empanturram a pança. Ou você acha, meu compadre, que arroz e feijão e carne se faz em máquinas manobradas por homens da cidade?

* * * * *

De todo não me sentia tranqüilo naquelas paragens do vale do Goiobango. Por certo que apesar de sentir na própria pele as dificuldades da profissão e procurar amenizar os apertos com trabalho e produção, entendia que a busca em demasia ao lucro torna o homem um ser capaz de desrespeitar a vida que na sua volta circula. Acaso não via eu que aquele tatu-galinha que o Denil e o Lico trouxeram também era portador duma seiva fenomenal à qual atribuímos o nome de vida? Eu não desejava que

surgisse alguém pra fazer o mesmo com a raça humana. Claro! Quando o perigo se revira na nossa direção, a gente desvia.

Algo cortava meu coração de fora a fora quando olhava aquelas terras e imaginava a mata outrora ali soberanamente viva. Desbravador de meia pataca, que se entristecia em ser cultivador dum terreno onde podia estar de pé uma bela mata, abrigando inúmeras e variadas formas das vidas animal e vegetal! Então acha você, diga-me lá meu compadre, que aquilo me aprazera? Dava até de sentir vergonha de mim mesmo, de minha ambição de homem. Podia perfeitamente querer que a mata ali estivesse viva, de pé, fresca, verdinha. Mas, qual! Não já se havia tornado uma realidade que estava morta a mata, os troncos desaparecidos, sumida a vida do verde que ali habitava? E a terra ainda tava viva, tinha a seiva milagrosa. Convinha então que se apoderasse da oportunidade de permitir que esta seiva milagrosa produzisse alimentos pra continuar, inda que um tiquizinho só, a vida de algum semelhante nosso.

Certo era, e não podia diferente ser na realidade em que vivemos, que ia entrar em jogo o dinheiro, em lucro ou em prejuízo. Mas isso já é parte tão fincada de nossa existência!!! Acaso muitos dos que condenam os desbravadores de sertão, pra melhorar seus rendimentos não pisam em riba dos semelhantes, não formulam estratégias pra ganhar mais – inda que desumanamente; não são corajosos o suficiente pra em vez de plantar uma árvore ou um jardim, levantar um prédio? Diga-me, pois, meu compadre, se tenho ou não tenho razão de achar injusto certos procedimentos deste nosso tempo?

O vale do Goiobango era nosso templo de orações por um mundo melhor e calvário pra pagar pecados devidos por nós e por outrem. A difícil escalada entre progresso e destruição; produção e conservação; material e sentimento. Da má sorte da mata ia resultar alimento pra muitos. E lucros para nós. Desses lucros, quem ia poder garantir que não cairia sobre nossas cabeças algum tipo de má sorte também? Era o risco, o risco da vida. Se o Riobaldo Tatarana dizia que “viver é muito perigoso”, digo que perigoso também é querer justificar uma atitude: talvez eu esteja oferecendo o peçoço à força.

Mas, de sã consciência me apego na firme convicção de que o homem que trabalha louva melhor a Deus que aquele que esquenta o banco da igreja e não se condói com o sofrimento de seu semelhante. Na honestidade do trabalho e retidão dos feitos o homem mostra seu caráter. Antes o risco consciente que a folga alienante. Lá estava a gente, cumprindo com o que tinha em mente, certos que nossos projetos eram, se não corretos por completo ao menos sadios. E você, meu compadre, estou certo que de me compreender há, feito que é homem sóbrio e de são procedimento. Ou vê erro nas atitudes de pessoas que trabalham com afinco, honestidade e decisão pelo que é mais correto?

Provando dos dissabores do desconforto ali a gente tava, a lutar pelo são comodismo em nosso porvir. E sem peso de consciência, inda que me

ferisse lembrar que ali havia uma bela mata, posteriormente destruída. Triste verdade, a bem da verdade, me era aquilo, meu compadre.

* * * * *

Como lhe disse, me compadre, sou homem do campo, criado na dureza da vida, na rudeza duma educação que muito me custou. Hoje me dá honra saber que tenho esta educação, o que pode estar faltando a muita gente que vive metida em paletó e gravata e desfruta dos diplomas dependurados nas paredes. Aprendi mais com a vida que nos vários anos de banco escolar. Pois a vida é a escola que melhor forma o indivíduo. Ensina a cada um na sua realidade, sem exigir que o aluno entre em realidade estranha pra ser chamado de "instruído".

As cobras da chácara do vale do Goiobango foram umas aulas bem sérias. Quando menos se esperava, um saltava lá num canto, os olhos estatelados de susto, tremendo nas bases: homem é assim mesmo. Mesmo na rude educação da roça, ignorante, argola-de-laço, acostumado na vida dura, às vezes treme nas bases num momento de desprevino. Que me parece ser mais apenas uma questão de instinto de sobrevivência. Este mesmo instinto que faz um homem trepar em riba de um espinheiro pra escapar de ter sua bunda furada pelos chifres de um boi brabo.

Se você, meu compadre, já passou por algo idêntico em sua vida urbana, de convir comigo há que o instinto de sobrevivência é sério. E deve de ter sido ele mesmo que de quando em quando fazia um de nós saltar uns passos pra retranca, quando pintava diante da gente aquela cobrona deste tamanhão. A bicha é venenosa, você sabe. E quem vai querer deixar a mão ou a perna a mercê do veneno duma cobra? Assim, vendo a bicha, o jeito era saltar longe, preparar alguma coisa pra matar a danada. Depois, prosseguir o serviço: ali a gente veio pra trabalhar e não tinha o interesse de se deixar abalar por qualquer medo. Nem que fosse de onça. Veja só, meu compadre! Que idéia!? Pensar em onça num canto daqueles, em pleno centro-oeste paranaense? Era coisa de doido mesmo, sabe!

Mas, mudando de borná pra picuá, eu tava lhe contando do tatu-galinha que o Denil meu sobrinho, nosso cuca, tinha preparado. Quando pintou a hora do grude (como dizia meu pai), ele deu um toque e a gente se aproximou da "casa". Aquela panelada de tatu-galinha deu água na boca só no olhar. Cheirosa que só vendo! O Denil era um cuca e tanto, sabe! Bem melhor que muitas destas mocinhas trique-triques que se vê por aí, toda jóias e vestido de luxo, rebolando a bunda qual cobra mal-matada, que nem sabem temperar um magro arroz com feijão. Pois, meu compadre, eu me envergonho quando vejo uma pessoa se gabar do material que é ou tem, quando não sabe nem se ajeitar diante dum serviço. A vidinha folgada de muita gente provoca isto mesmo. Inda chamam de caipira ao sertanejo. E a escola, que tanto ensina, às vezes acaba por ensinar a ser medíocre, eu acredito piamente.

Aquela carne de tatu-galinha fez sucesso. Não é toda mulher que sabe preparar um tempero que nem o Denil fez para aquela carne. Ficou que só uma tentação. Não teve quem não gostasse. Aquele bichinho de nada, corpinho deste tamanquinho, deu uma panelada de carne! A gente comeu o quanto quis. Inda sobrou. Sobrou, mas não perdeu. Quando o sol tava a meio-céu, hora da merenda, a panela foi levada novamente ao “fogão econômico”. E a carne desapareceu. Manejar o cabo da enxada é pra quem não tem medo nem preguiça de trabalhar, meu compadre. Pó-de-arroz não entra bem na roça porque não tem coragem de arregaçar as mangas e se apinchar na labuta. A roça exige, cobra. O sujeito deve ser esperto, cabra do pulo, pau pra toda obra, gente de pegar firme no batente e não temer a vida. Pó-de-arroz, meu compadre, tem mesmo de trabalhar em serviço que não lhe cobre forças; a roça é lugar de gente de fibra, gente bruta, que nem o pé-de-poeira do Exército.

Aquela carne de tatu-galinha!!! Quando caiu o entardecer e a gente se banhou no Saracura, chegando pra jantar, deu saudade do almoço. Mas tinha lá outras coisas e fome é claro que a gente não ia passar. Além disso, Denil e Lico prometiam pra logo mais nova caçada e mais alguma coisa boa pro almoço do dia seguinte.

* * * * *

Quem chegou no nosso barraco depois da janta daquele dia foi o chefe dos madeireiros alojados no barraco em frente. Conversa vai, conversa vem, o homem inventou de sair com uma conversa meio estrambótica. De imediato, a idéia que tivemos foi que tudo não passava de alguma coisa completamente sem fundamento, mas ouvimos atentos aos relatos pra não ser inconvenientes com o visitante.

Dizia o velho gaúcho que havia naquela restinga na frente do nosso sítio uma onça. Garantiu que por duas vezes ela tinha visitado o barraco deles. De uma feita ela chegou a pisar as patas dentro do barraco, cuja “porta” também ficava aberta. Aconteceu que quando ela entrou no barraco o velho gaúcho acordou, tomou o farolete e focou de frente a cara da fera. A bicha se assustou e deu pé no vento. Desapareceu. Sumiu pro escuro. Outra vez a danada só chegou por perto, andou vigiando o barraco, mas não atacou. E fugiu pro mato, dando esturros. E era onça de verdade, não era jaguatirica. Grande até. Rondava pelas quebradas. E estava alongada na restinga de mato que havia na frente do nosso sítio.

Depois das conversas às “portas” do nosso barraco fomos para as nossas “camas”. Compadre, digo-lhe com toda a franqueza, devo de ter acordado umas duzentas vezes naquela noite. Homem da roça é rude, mas teme pela vida que nem qualquer outro comedor de feijão. Instinto de sobrevivência, lembra? Falamos nisto inda agora mesmo! E se havia uma danada onça naquelas redondezas, dormir tranqüilo não era fácil. A frente do barraco toda aberta, escancarada pro tempo. Os cantos, um deles bem na minha cabeça, também abertos. E se uma onça quisesse chegar ali,

carregava qualquer um de nós com a maior facilidade. Quem é que ia conseguir rebater um animal feroz? Arma de fogo havia, sim. E das boas. Dois carros estacionados entre os barracos, um trator, um punhado de gente, sim senhor! Mas, meu compadre, a coisa não fica por aí. O diacho do bicho, se de fato existia, devia de estar faminto que só vendo pra saber. E numa dessas a gente podia virar banquete de felino. Isto deve de doer muito, não acha?

A alvorada demorou chegar. Quando veio, dei graças a Deus e saltei, cheio de sono pelo que passei durante a noite. Denil e Lico haviam saído pra caçar, mas nada acharam. Estranharam: inda tinha muito mato, capoeira, nos arredores. No entanto, nada. Até capivara devia existir por ali. E nada. Estranharam muito aquilo. Era interessante. Nenhum pebinha ao menos, pra alegrar o almoço daquela quinta-feira. Estranharam tudo, exceto aquele cheiro forte, cheiro de bode velho, que lhes passou pelas narinas a certa altura da caminhada. Não perceberam nada, não estranharam nada daquilo. E olha que o Denil já tinha caçado muito lá em Rondônia! Depredador? Tanto quanto quem nada conhece da vida do homem do campo e fica a dar idéias sem fundamentos.

Mas, meu compadre, veja só como são as coisas neste nosso mundo. Naquela quinta-feira não teve carne de tatu-galinha pro almoço. Mas teve muita risada e zombaria. Não pelas tantas vezes que acordei durante a noite, com medo da onça. Inda que em cada vez que acordasse, a primeira coisa que fazia era conferir se a bicha não tava espiando a gente pelas gretas dos cantos do barraco, isto não deu motivo pra risadas. Elas vieram mesmo por causa das palavras do velho gaúcho. E bem por isto. Gaúcho! Vimos nelas, palavras de homens gabolas, papudos, metidos a valente de vez em sempre. E dizer que uma onça tava alongada naquela restinga de mato e havia entrado no barraco dos madeireiros?! Isto só podia ser blá-blá-blá. Rimos pra valer do coitado do velho. Ele tava longe mesmo, lá embaixo, nos fundos do sítio onde dizia ele estar a onça alongada. O proprietário deixou a reserva florestal (uma quarta parte da área) na cabeceira do lote, numa ribanceira bem em frente ao sítio nosso. O carregador contornava pela divisa com o terreno do Tatá, pra escapar da ribanceira, e depois ganhava a estrada, subindo por esta até o alto, na frente do nosso sítio.

O velho gaúcho deve ter passado o dia todo com a orelha a arder, tanto que zombamos da sua afirmação. Como acreditar que podia haver ali uma onça? Só podia ser mentira. Talvez, presumimos, tivesse ele tomado umas depois das outras e entrou por lá um bichinho qualquer – um cachorro, talvez – e ele achou que já se tratava de uma onça.

* * * * *

Naquele dia mais uma cobra assustou a gente. Desta feita o premiado foi eu. Uma moita, perto da estrada, já não muito longe de terminar o trabalho. Vai que, dum momento a outro, daqui para ali, dei de

cara com uma jararacuçu desta grossura assim, ó! Dei um pulo para trás e chamei o Zeca, que capinava perto de mim. A cobra se deslizou nuns ramos e parou. Foi o último tempo de vida que teve. Em instantes tomou uma porretada no meio do corpo e teve sua cabeça esmagada.

Quando a tarde deitou cansaço nos nossos ossos voltamos pro barraco. Ninguém quis ir tomar banho sozinho. Mesmo assim houve muita cautela. Só que dois se aventuraram a desafiar, ou ignorar, as palavras do velho gaúcho. Quem gosta de caçada é mesmo uma parada. Denil e Lico lá se vão, dispostos a encarar nova caçada, na tentativa de encontrar outro tatu-galinha pro almoço do dia seguinte, último dia que ali a gente ia trabalhar, naquela semana. Tomaram a estrada e desceram até o sítio do Tatá. Ali, entraram pela rota dos madeiros, tendo à esquerda a derrubada onde o grupo trabalhava durante o dia, e à direita a restinga de mato que os separava do nosso barraco. E seguiram na caçada, enquanto Dunga e Elói já se tinham ido pro barraco do Tatá, pra descansar.

Diante do barraco do velho gaúcho ele tomava um amargo numa improvisada cuia de coco-da-Bahia. Zeca e eu, a gente não era acostumado com o chimarrão. Mas tomamos uns tragos, iniciando no costume. Filhos de mineiros, era bem mais fácil gostar de café e cachaça. Queijo, leite, requeijão e leite com farinha, nem era preciso perguntar. Se soltasse um queijo morro a baixo a gente não ia pensar duas vezes em correr atrás pra pegar. Não é esta a filosofia de vida dos mineiros? Em nossas veias tinha sangue mineiro; mineiros de segunda categoria somos então. Mas com muito orgulho, sim senhor, meu compadre.

Se lá embaixo, além da reserva do sítio que fronteava o nosso, Denil e Lico se detinham com esperanças de encontrar um tatu-galinha ou já estavam voltando, desanimados, a gente não sabia. À frente daquele barraco coberto por uma preta lona plástica a gente tava sentado, a tomar chimarrão e conversar. O madeiro discorria sobre o seu passado, contando minúcias de sua terra. Missioneiro, lembro, meu compadre. Falava ele da vida do missioneiro (não missionário) e de suas dificuldades. E que nos pampas do Rio Grande, em tempos que já se tinham de muito idos, não era novidade o grupo de campeiros matar uma rês, comer parte de suas carnes e deixar o resto na carcaça, enquanto efetuava ronda de vistoria nos campos pertencentes aos patrões. A riqueza era essa, nos tempos de então. Nos atuais, dizia ele, a coisa tava muito diferente. Como tudo pelo mundo tem suas mudanças. Também como tinha suas mudanças aquela chácara sobre a qual pisava a gente. De mata verde, de madeiras e troncos fortes, tava quase mecanizada, destocada: desbravada. São as mudanças do tempo, que trazem o progresso e envelhecem os costumes.

* * * * *

Conversa vai, conversa vem... Nós, ali, ao redor daquela fogueira, tomando chimarrão e escutando o velho gaúcho contar suas histórias. A noite escura cobre a região com um silêncio amedrontador. Não se ouve

barulho de motores. Tudo é um só silêncio, afora os insetos que entoam seus modestos concertos na escuridão da noite. Dunga e Elói já de bastante se haviam retirado pro barraco do sítio do Tatá, onde iam pernoitar. No dia seguinte, sexta-feira, a gente ia retornar para as nossas casas.

Foi quando ouvimos o estampido de um tiro bem perto do nosso barraco, além da reserva do sítio defronte. Em instantes nossas conclusões atinaram para um ponto: Denil e Lico haviam encontrado alguma caça. Certamente a gente ia ter mais um tatu-galinha pro almoço do dia seguinte. Ou um quati. Quem sabe, alguma capivara meio deslocada. Ou uma paca bem gordinha. Somente um tiro. E tudo se aquieta novamente. Prosseguimos. A noite, escura. A mata, um só negror. E com a sua história, sua ameaça, sua vingança.

Nova cuia de chimarrão rola. Eu, pouco falo. Mais ouço do que falo. Respeito o direito aos mais velhos. Foi o que recebi de meu pai, uma parcela apenas da educação que dele recebi: o respeito aos mais velhos. Deixei que o Zeca e o velho gaúcho falassem. Tomei mais uma cuia, comentei rápido qualquer coisa, olhei a lenha que crepitava na fogueira, ao redor da qual a gente tava sentado. Um preto velho, madeireiro, do grupo do gaúcho, mexeu na lenha, falou qualquer coisa e voltou para o interior do biongo.

Minutos poucos tinham passado, de quando ouvimos o tiro. Agora é possível ouvir vozes pela trilha usada pelos madeireiros, que descia para a derrubada. Pra não ter de seguir pela estrada, cortavam a mata a pé por uns poucos cem metros de ribanceira. E já chegavam no lugar onde estavam trabalhando. Bem ali estavam Denil e Lico a caçar. Bem por ali haviam atirado. E voltavam pela trilha. Vimos a luz do farolete e depois eles, que saíam da mata, cruzavam a estrada e adentravam na nossa propriedade, seguindo a trilha pisada pelos madeireiros. Vinham em nossa direção. Falavam um pouco mais alto que o comum, davam de parecer cansados. Ou... assustados. Hã?! Isto mesmo. Tal e qual, meu compadre. Pareciam assustados pela maneira como vinham. Talvez, engano. Cansaço apenas. Afinal, subiram a ribanceira a pé, isto não é fácil.

Chegaram. Olhamos: nada traziam. Perderam o tiro? Surgiu em nós qual um riso de zombaria por terem eles errado o alvo. Perderam o tiro!!! Qual! Que o tiro se perdeu não restava dúvida. Veio a explicação do Denil, o Lico confirmando. Não foi possível saber se acertaram ou não o tiro, mesmo porque não se encontravam com coragem de averiguar a situação da caça. É que, contaram eles, seguindo carregador a fora, contornaram a ribanceira com a mata. Denil ia comentando sobre os bichos do mato e seus respectivos modos. Quando pensam que não, deram de cara com ela. Ela mesma, a onça. Meteram-lhe o farolete nos olhos e um rastro rápido e azulado ficou no ar, desaparecendo em seguida, tamanha foi a rapidez com que aqueles olhos azuis à luz do farolete se viraram. É a onça! Denil informou o tio, garantindo, certo do viu. Era a onça sim. Lico sentiu as pernas amolecer. Denil ajeitou a espingarda. Partiram atrás. As bolinhas

azuis apareceram novamente. Denil meteu fogo. E a onça sumiu por entre as coivaras da derrubada.

Decidiram retornar ao barraco e tomaram caminho de volta. Quando então vai que perceberam ter passado além da entrada da trilha que levava ao barraco subindo a ribanceira. Nisso o farolete pifou. Azar! Caramba! E agora? Sentem-se preocupados. Seguir pelo carreador podia demorar demais. Quase um quilômetro até chegar aos barracos. A onça ia acabar alcançando eles. E voltar na direção de onde a encontraram pra tomar a trilha era quase um suicídio: podiam dar de cara com ela. Inda mais com o farolete pifado, escuridão de dar medo! E agora? Que fazer? Santo Deus, nos acuda! Decidiram, em questão de segundos, e voltaram. Pensaram então em subir em riba duma árvore e gritar por socorro, caso não fosse localizada a entrada da trilha. Mas, com umas pancadas mais o farolete deu luz. Acharam a trilha e por ela entraram. A cada passo, uma olhada para cada direção que podia existir. O medo faz isto. Moleza? Não. Instinto de sobrevivência, meu compadre.

* * * * *

Medo foi o que também não me faltou quando contaram pra gente. Inda mais com a afirmação do velho gaúcho madeireiro, que advertiu, na sua experiência: se o tiro tivesse atingido, ela ia fugir; se não, ela ia seguir os rastros dos caçadores. Nisso me pareceu eriçar os pêlos do corpo todo. A onça ia vir, então, se não tivesse sido atingida, até nosso barraco. E daí? Como saber se ela tinha sido atingida ou não pelo tiro de Denil? O medo aumentou. Não tinha como garantir nada. Nem como escapar. A coisa tava séria demais pra ser encarada com tranqüilidade. Algo prenunciava perigo. As “portas” do barraco estavam abertas vinte e quatro horas por dia. Não havia segurança nenhuma naquele lugar. Quem podia garantir que a bicha ia fugir? E se de fato acontecesse dela vir no rastro dos rapazes? Ia chegar no barraco! E daí? Ia nos atacar, com certeza. Boas-vindas é que não viria nos dizer, aquela “persona-non-grata”.

Voltamos pro nosso barraco. Um ar de medo e reserva cobria nossos pensamentos. Resolvemos que era preciso informar os companheiros que estavam no barraco do Tatá. Pois que, conforme disse o Zeca, o barraco também era aberto. E se a onça chegasse lá, pegava um na maior facilidade. Inda mais que eles não tinham ao menos uma faca pra se defender. Assim, Lico e Denil, empunhando armas e farolete, marcharam em direção do tal barraco, cortando a noite, cismados da cabeça ao dedão do pé. Comunicaram o fato. Os dois, corajosos demais ou descrentes do que ouviram, preferiram passar a noite lá mesmo. Essa atitude irritou o Zeca, quando Lico e Denil voltaram e informaram a decisão dos trabalhadores. Se a onça comesse um daqueles danados o azar era deles. Quem mandou ser cabeçudos? E eu retruqueei: o pior é que se ela pegasse um deles o pepino viria pro nosso lado.

Algo, no entanto, foi interessante até. O Zeca tentou ser otimista e corajoso. Demais, pro meu gosto. Acreditava que ali a onça não viria. Havia dois carros, dois barracos, um trator e um resto de fogueira diante do barraco dos madeireiros. Acha que isto não ia assustar o bicho? Mas, quê? Como confiar na lógica? O bicho não era batizado, tinha coragem pra tudo. O melhor a fazer é não duvidar do perigo. Seguro morreu de velho, não é o que diz o ditado?! O jeito era se precaver.

Eu, no meu medo ou reserva, entenda lá como melhor lhe aprouver, meu compadre, não quis saber de dar ouvidos ao otimismo do mano Zeca. Tratei logo foi de catar uns tocos pelos arredores e fazer uma pequena fogueira diante do nosso barraco. Se os madeireiros tinham coragem pra dormir numa situação daquelas, eu não estava disposto a me tornar banquete de felino nenhum. Queria continuar com vida, voltar pra casa no dia seguinte. Cheguei fogo na lenha e ali fiquei. O Zeca se danou a zombar de mim. Eu preferi nem dar ouvidos. Convinha que não confiasse em bicho não batizado. Se nem no batizado já não dá pra confiar tanto, muito menos no que não é, não é mesmo?

Sei que o Zeca riu de mim, quando decidi que ia ficar de olhos atentos. Se tinha porque rir eu não sei. Sei que ali fiquei. E atento a uma coisa que começamos ouvir. O gado dum sítio além do Goiobango, defronte do sítio onde o Denil e o Lico viram a danada, dava uns berros, sem alarde. Tarde da noite, gado mugindo? Esquisito! Tanto quanto aquele esturro rápido, seco e grosso, que de quando em quando se ouvia. Parecia ser de touro. Mas tinha qualquer coisa de falsificado, fora do comum. E mesmo que fosse, gado não berra à toa em alta noite. Que era ela foi logo a conclusão a que chegamos, menos da parte do Zeca. Ele relutava em dizer que a gente não tinha porque se preocupar, que a onça não viria ali, que não precisava medo... Se era medo ou simples resguardo pela vida, tanto faz. O importante é sentir que viver é bom e compensa lutar pra continuar com vida.

Aqueles esturros soavam, vez por outra. Um gavião principiou cantar no alto da copada de uma árvore, um canto entristecido, melancólico, de quando em quando. A fogueira acesa, os madeireiros dormindo, o Zeca deitado. Eu, na beira da fogueira. Denil e Lico trocavam umas palavras, rindo, de quando em vez, das opiniões acerca do assunto. Denil até já tinha concordado em revezar comigo na vigilância.

De repente, um esturro mais forte. Seco e curto. Lico, num ar de gozação, levantou-se de lugar onde havia deitado. E decidiu que se a gente quisesse dormir, podia dormir. Ele ia ficar acordado também. E sentou num canto qualquer. Denil também se pôs em pé. Reavivou o fogo debaixo da preta chapa e encheu o bule de água a fim de fazer um tanto de chá. Continuamos as conversas, defendendo e discordando das possibilidades de ser ou não de onça aqueles esturros. O gavião, com o seu canto melancólico, dava um ar triste na noite escura!

* * * * *

O chá logo ficou pronto. Zeca se levantou e pegou uma xícara. Deitei por uns instantes, já que ninguém dormia mesmo. Só pra descansar. Agachado ao lado do improvisado fogão, Zeca tomava os primeiros goles da xícara de chá que tinha em mãos, quente que só vendo! A espingarda, Denil já tinha preparado. De sobreaviso o barraco. Tudo parecia calmo, tranqüilo. Sereno quanto a noite, fora a leve tensão que envolvia a gente.

Foi quando o Zeca, que se mantinha de frente pro lado de fora do barraco, saltou, num só susto. Denil, olha o bicho ali!!! Foi um Deus-nos-acuda! Denil logo já tinha a arma em mãos. A xícara de chá não se sabe que fim levou. Saltei, como se ela viesse na minha direção. Pulamos pra fora, observamos com atenção os arredores, metidos em densa escuridão. Mas nada vimos. E não foi lorota. O bicho esteve ali, sim. Passou atrás de um tronco deitado, na “porta” do barraco dos madeireiros, além do trator. E foi justamente o Zeca quem viu por primeiro.

Daí em diante, nem sossego se conseguiu mais. Respiramos aliviados, ao mesmo tempo que amedrontados pelo sucedido. Tinha razão o velho gaúcho quando Denil e Lico voltaram da caçada. Ela veio, de fato, seguindo os rastros deles. E se a gente não estivesse acordado? Quem ia ter entrado de banquete pra ela?

Passaram mais uns minutos. Os olhos corriam de um lado a outro, em busca do animal. O gavião continuou cantando, no alto da árvore. Embaixo dela, outro canto pudemos ouvir. De passarinho também. Também falsificado, disfarçado, que nem o mugido do boi, que se havia calado. Analisamos: há algo errado nisso. O canto certo do peixe-frito não é bem assim. E um dos manos achou de recordar que nosso pai dizia: a onça costuma arremedar passarinhos. Logo, lá na estrada, onde a trilha dos madeireiros entrava na nossa propriedade, um par de olhos azuis pudemos ver. Com ele, o falsificado canto do passarinho. E veio vindo. Denil advertiu que era ela. E vinha em nossa direção. Ele preparou a arma, planejamos jeito de atacar. Ela veio até certa altura, longe demais pra um tiro. Depois se esgueirou pelos arredores. E sumiu.

* * * * *

Em momentos assim percebemos o quanto gostamos de viver. Pode ser difícil a lida, pode ser penosa a nossa história. Mas gostamos muito da vida. E a defendemos a todo custo. Inda que incorreto, em necessário se fazendo preferimos estragar outra vida a estragar a nossa. Como podia a gente, naquela noite, pensar em proteger a natureza, evitar a extinção de um animal? A gente não queria a nossa própria extinção. Queria continuar com vida. Só isto. Quem se dispusesse a entrar para a história como herói, por ter dado a vida pra alimentar uma onça, que viesse ficar em nosso lugar. De nossa parte, a gente queria proteger primeiramente a nossa existência. Se não fosse preciso matar o animal, melhor. Mas se viesse em nossa

direção, podia ser abatido. Caso contrário um de nós é que podia ir para as cucuias.

A sugestão do mano Zeca caiu bem: a gente apagava o lampião e a fogueira, entrava dois em cada carro. E pegava ela facinho, facinho! Outras idéias achamos por bem deixar de lado. Eram mais arriscadas... Convinha que a gente fosse prudente no tratamento dado à questão.

Entramos então nos carros. Um medo ou simplesmente receio – ou ainda, quem sabe, um simples e comum ou natural zelo pela vida – passou pelo meu pensamento. A que fim ia levar aquela situação? Acuados de bem de perto por um felino, sabia-se lá de que tamanho ou tipo! Não era possível ver bem: não dava tempo. Vimos que era grande, preto, os olhos brilhavam a distância como os de gato, à luz. E muito esperto, o bicho. Inda mais que o velho gaúcho havia dito: a onça nunca é caça, é caçadora.

Entramos nos carros. Lico e Zeca. Eu e o Denil, de espingarda na mão. A porta do carro, entreaberta. Os olhos, quase nem sequer piscavam. Denil acendeu um cigarro. O silêncio era reinante. O gavião cantava, de vez em quando. O passarinho, quieto.

Num dado momento, o detonar de novo tiro. Já era o Denil que saía correndo atrás da bicha, que atacava de novo. Escuridão, aquela pauleira e o Denil correndo atrás da onça, de chinelo-de-vão-de-dedo. Coisa de doído mesmo. Ela havia chegado de mansinho, como sempre fez. Aproximou-se ali pela parte de trás do barraco dos madeireiros. Denil viu primeiro, saiu do carro, preparou o tiro e meteu fogo na danada. Mas não levou sorte, por sorte do dito bicho. Foi até de estranhar. Um caçador rondonense, com experiências muitas em caçadas. Já havia matado uma por lá. Foi de certa vez. Esperou que ela chegasse bem próxima. Quando a bicha pôs as patas em riba dum tronco pra lhe saltar sobre o peito, de frente, ele atirou no peito da danada. E ela morreu, ali mesmo. O couro dela, eu vi. Com o buraco do tiro.

Pois veja só como são as coisas. E o Denil erra o tiro naquela que estava querendo nos fazer de banquete. Ela correu de volta pro mato e ele fincou o pé atrás. Não deu moleza: correu atrás dela pulando pau, desviando de toco, trocando o cartucho da espingarda. E meteu fogo atrás dela outra vez e ela esturrou. Nisto, eu já tava junto dele, com o Zeca, o Lico e um madeireiro: apoio logístico, com 38, foice e facão. Alguém se lembrou de recomendar que a gente ficasse fora da fumaça e saltei lá longe. O Denil olhava desolado e ao mesmo tempo assustado com o que lhe estava acontecendo: errava de novo. Como? Pontaria boa como tinha?! Não matou ele um tatu e um tamanduá, com um só tiro em cada bicho? E aquela caçada que tempos depois fizemos, onde ele, antes mesmo que a gente percebesse o tatu, já tinha atirado? E como, pois, errava duas vezes, três digo, só naquela noite? Coisas de caçador, dirão. Mentira, não é mesmo? Pense lá o que achar conveniente, meu compadre. A verdade, digo: sempre confiei na pontaria do Denil e sempre estranhei que naquela noite errasse ele os três tiros que deu na onça.

Talvez tivessem os deuses da mata cobertos o felino com a sua proteção, para que a gente não acertasse nenhum tiro. Mas, e nós? Para eles devia valer mais um felino que um ser humano? Se são histórias de caçador eu não sei. Não sou caçador, digo e reitero. Era um trabalhador apenas, naquelas oportunidades. Mais tarde me aventurei em outras coisas. Menos profissão de caçador. Tinha apenas uma intenção em tratar aquele felino de tal forma: defender a vida que cada um de nós tinha no seu corpo. Se isso é depredação, violência contra a natureza, que dizer então de outros bárbaros erros de nossa sociedade – o aborto, a título de exemplo?

Cada cabeça é uma sentença, não é mesmo? Julgue você, meu compadre.

* * * * *

É interessante como em momentos mais inadequados acham de aparecer coisas complicadas. Parece castigo. Ou pura ironia do destino. Saiba lá fazer seu juízo a respeito da questão, meu compadre. E entenda como lhe aprouver. Eu fiquei baratinado. E se riram de mim, creio que não foi por puro medo da minha parte. Mas, acontecimentos deslocados de momento. Pois olhe e veja, meu compadre. Se não foi bem justamente numa hora de perigo que aconteceu de me atracar uma vontade de ir ao mato?! Tem cabimento uma coisa dessas? Castigo? Conseqüências físicas de um medo??? Sei lá. Sei que eu tava lá com uma vontade doida de ir ao mato.

Fiquei receoso. Mas fui. Não me aventurei a afastar muito do barraco. Apenas o suficiente para que sem tranqüilidade fizesse o que me era necessário. Mas juro que não tive como ficar tranqüilo. Aquela escuridão que envolvia tudo nos arredores, aqueles sustos que passamos instantes atrás, o terror que a onça espalhou em nós. Olhava com cuidado pra todos os cantos, cuidando dos ruídos, evitando ser pego de surpresa, de traição. A vida vale muito, meu compadre. Quem vai ter desleixo com o próprio corpo? Somente quem perdeu o sentido de viver. E eu inda tinha muitos motivos pra lutar pela vida. Novo, com muitas idéias, muita força, muito caminho pela frente, entusiasmado com os planos... Queria mais era ver o sol raiar, levantar no céu pra que afugentasse assim o animal e a gente pudesse trabalhar em paz. E no final da tarde, voltar sossegado para casa.

A bem da verdade, meu compadre, comecei a duvidar que isso ia se dar. O felino ameaçava. Que chance a gente podia ter, se a danada estava de fato assiduamente interessada em pegar a gente? Levou três tiros. Sei lá se algum chumbo havia tocado seu couro. Mas os tiros foram disparados. E bem aí reinava o perigo, o receio: se os três tiros inda não haviam afastado ela, o que podia ela fazer contra nós? Se os tiros, a fogueira e os carros não assustavam, o que podia assustar? Talvez ela estivesse de fato querendo um jantar diferente. E quisesse tomar a gente por guloseimas de seu banquete. Ou, no mínimo, sobremesa. E prato de jantar de felino era o que eu não queria ser.

Olho, pra um canto, olho pra outro canto; atenção perspicaz, atenta a tudo. Quase fiz as coisas pela metade. Fiz lá o que me dava alívio, arribei o espinhaço e me casquei fora da escuridão, pra junto dos demais. É a velha história do instinto de sobrevivência, meu compadre! Importa, a bem da verdade, inda que inconscientemente, a sobrevivência. Ou, como disse alguém – não sei quem, nem onde, nem como, nem por que, nem para quem – queremos todos ir para o céu, mas não agora. Inda que desejando o céu, queremos mesmo é continuar vivos. Engraçado, né!

O que não foi em nada engraçado foi o susto que a peçonhenta nos aplicou. A gente tava à espera dela pelo ângulo de que sempre apareceu. Quando ninguém esperava, lá vem ela pela retaguarda, chegando no barraco pela parte traseira, de supetão, de traição. Veja só, meu compadre! Com bicho não batizado não se brinca. Sorte que percebemos a tempo. E ela se esgueirou pela escuridão, fugindo antes de dar tempo do Denil atirar. Caramba! Bicho não batizado é fogo, sabe!

* * * * *

Diz a Bíblia que o homem deve reinar sobre todas as coisas do mundo, sinal de que vale mais a vida humana que as demais. Isso não dá a liberdade da gente usar a bel prazer das vidas alheias. Mesmo as não racionais. Elas merecem e precisam de cuidados e respeito. Têm valor quase tanto quanto as humanas. Ironia me parece a atitude de muitos que se manifestam simplesmente contra os desmatamentos e todo e qualquer tipo de ação contra animais, achando tudo depredação e violência. Eu tenho cá comigo os meus cuidados neste assunto, meu compadre. Tem gente que fala pelos cotovelos. Outros são uns hipócritas: falam, mas suas atitudes desmentem suas palavras. Querem defender a natureza, querem defender a preservação, mas destroem, depredam, matam por meios e pesos diferentes. Empresários que pagam mal seus trabalhadores; indústrias que poluem ar, água e solo; estrangeirismo nos interesses nacionais; o expansionismo urbano, capitalismo desenfreado e incorrigível...

Há por aí cabeças ocas falando asneiras, decidindo por outros. Muitos nessa gente nem mesmo se lembram de erguer as mãos aos céus para agradecer pelos que labutaram debaixo de sol forte, chuva, frio e muito mais para que aquele alimento ali chegasse. Verdadeiras pestes são estas pessoas, meu compadre. Pouco conhecem da realidade da vida do roceiro.. Vivem falando besteiras. Por que então não vêm elas lá de seus apartamentos e mansões pra pegar no cabo da enxada e dar duro na roça, como fazemos nós? Que sabem elas a respeito de nossas vidas, nossas dificuldades? Tanto quanto os homens lá de cima, que usam as dificuldades do povo – as do homem do campo em destaque, inclusive – pra se eleger. Depois, esquecem dos que vivem aí, a empanturrar a pança de todo mundo e com a sua quase vazia. Ou, no mínimo, correndo o risco de ficar vazia.

Pois bem, meu compadre. Vocês, lá da cidade, acostumados no meio das mordomias, os carros de luxo, os clubes onde grassam

mentalidades e procedimentos nem sempre sadios e cristãos (ouvi dizer que há pessoas que trocam as esposas, os maridos, e acham tudo uma coisa muito normal, isto lá na cidade, na sociedade rica, nesses clubes de gente granfina). Vocês, que são acostumados ao conforto de seus apartamentos acarpetados, cheios de não-me-toque-não-me-rele, com telefone na garagem, na cozinha, no banheiro, na casinha do cachorro e não sei onde mais; vocês, acostumados a sair de casa em carros de luxo, comer comidas finas e caríssimas, andar metidos em roupas elegantes, exibindo-se garbosamente...

Se você, lá da cidade, acha que é fácil a vida do homem do campo, acha que desmatamos porque gostamos de matar a natureza, matamos os animais por simples prazer, creio que não passa de um imbecil. É bem verdade que há quem faz sem precaução. Mas nem todos. Ninguém seja tolo de generalizar as questões. Somos de responsabilidade também. Amamos a vida também, principalmente a nossa. Ou então muitos desses que vivem a pedir que preservem a natureza, não estão aí a matar de outras formas?! Quantos não matam as árvores de seu quintal para em seu lugar arribar um prédio, uma construção qualquer, que lhe possa render mais? Ironias, meu compadre. Isto me faz ficar envergonhado, não por mim, mas pelos outros.

Quem acha que é fácil ser do campo, venha conferir. Venha molhar sua camisa num trabalho pesado, num dia de sol quente. Venha sujar os pés na lama, andar em riba do orvalho gelado em manhã de inverno. Venha se arriscar em trabalhos com animais, na lida com o gado, na peleja sacrificada do homem que lavra a terra e é covardemente esquecido pelos elaboradores das leis, porque não tem quem lhe represente dignamente nas corruptas fileiras dos exércitos politiqueiros. Venha se embrenhar na mata, provar o gosto de ser perseguido por um animal selvagem, ver-se frente a frente com uma cobra venenosa, fugir de enxames, subir em riba de árvore de espinhos com medo de um cachorro ou uma vaca braba... Venha provar o doce sabor da vida difícil do sertão. Venha encher suas mãos de calos; os pés, de feridas; o corpo, de calombos das chupadas dos pernilongos, borrachudos e muriçocas; venha queimar sua pele no calor do sol que racha, eriçar os pêlos no frio de uma ventuosa manhã de inverno... Venha provar a dureza da vida sertaneja. Quem sabe você vai entender melhor nossa lida. E vai deixar de emitir idéias idiotas e opiniões infundadas, só porque na televisão falou que, o rádio disse que, um jornal mostrou uma foto dizendo que... Seja você mesmo. Fale a partir de seus conhecimentos, de suas experiências. E não do diz-que-diz-que...

Aquela felina, meu compadre! Se era felina deste ou daquele tipo não foi possível averiguar. Sei que ela nos atacou. Também nos atacaram as pessoas que não estavam com a gente. Dunga e Elói tinham sido avisados por Denil e Lico, que arriscando a vida, se aventuraram a atravessar a escuridão para lhes comunicar do fato, isto a mando do Zeca. Preferiram ficar lá no barraco do Tatá. E no dia seguinte riram com gosto de nós, dizendo que aquela história era fria. Também um primo nosso, que lá

pelas tantas apareceu em nosso barraco, zombou de minha cara quando lhe disse que a gente tinha sido atacado por uma onça. E ele riu. Onça de garrafa???

E a tantos quantos tenho contado isto, risos de escárnio tenho percebido. Nem um amigo meu, padre, acreditou. Os da família acharam estranho no início. Mas depois se deram por convencidos, diante das nossas insistentes explicações e descrições de como se havia dado o acontecimento. Aquele primo receou no início. Mas ao ver o rastro da bichona na terra fofa, quando o Denil lhe havia dado o segundo tiro, murchou as orelhas e acreditou: o rastro era do tamanho da minha mão, fechada.

Voltamos para casa naquele final de sexta-feira. Cansados, sem dormir um minuto sequer durante toda aquela noite, foi uma verdadeira barra vencer as últimas horas de trabalho. Sapecamos mais ou menos um trecho, ajeitamos nossas bugigangas e fincamos o pé na estrada. Deixamos lá os madeireiros, com as suas histórias e seus trabalhos, que logo iam partir também. Apanhamos as coisas, desmanchamos o barraco, ajeitamos tudo e saímos. Vale do Goibango! Ficou para trás. Ali voltamos mais vezes, sempre com receio do dito animal.

Dias mais tarde, dois trabalhadores viram a bicha cruzar o roçado, em pleno dia, acuada por uns cães. Também um parente nosso percebeu que ela o rondava enquanto ele trabalhava de noite com seu trator, numa propriedade um pouco mais para o leste. E deu no pé também. Coisas da vida, meu compadre!

E quem diria? Em plena rapa do século XX, em nossa região, um grupo passar uma noite em claro por causa de uma onça!!! Coisas de caçador, dirão alguns, incrédulos. Fantasias de um escritor, poderão entender outros, mais intelectualizados. E eu digo: coisas da vida de um homem do campo. Pois o campo é bem assim: trabalho, dureza e surpresas. E dançamos conforme a música tocada pela natureza e pelos dominadores, vocês, homens da cidade. Aquela, nos ajuda; destes, quase todos nos exploram. Que desgraça, não, meu compadre?!

Dados Biográficos

1964-Nasce, em Cruzeiro do Oeste (PR), em 06 de março, sétimo filho do casal Maria Augusta da Silva e Benedito Resende da Silva.

1970-Família transfere residência para o município de Ubiratã.

1971-Inicia estudos no Grupo Escolar da Colônia Santo Inácio.

1980-Falece o pai, em 13 de setembro.

1983-Presta Serviço Militar no 20º Batalhão de Infantaria Blindado, Curitiba.

1985-Conclui o 2º Grau, em Técnico em Contabilidade, no Colégio Estadual Carlos Gomes. Começa publicar artigos no normal O Vale do Piquiri.

1987-Ingresa na Escola Santo Afonso, seminário menor dos Jesuítas, em São Leopoldo (RS). Estuda na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos.

1988-Reside por um mês em Porto Alegre, onde trabalha com o escritor Padre Roque Schneider. Desiste da caminhada seminarística, volta a Ubiratã, ajuda a fundar a Associação dos Literatos de Ubiratã, Aliubi, ingressa na Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão; dedica-se a escrever textos e compor canções religiosas. Escreve os originais de Goioabango.

1989-Publica artigos na revista anual Livro da Família, editada em Porto Alegre. Participa do livro Nossos Versos Nossos Sonhos, editado pela Aliubi.

1990-Publica “O Último Trago”, seu primeiro livro individual, e mais um artigo no Livro da Família.

1991-Publica o opúsculo religioso “Medjugorje Entre Nós”. Participa da 1ª coletânea Construindo o Futuro, editado pela Aliubi.

1992-Outro artigo de sua autoria é publicado na revista Livro da Família.

1993-Publica a biografia de uma amiga, com o título “Sublime Silêncio”.

1996-Muda-se para Goioerê, sendo funcionário das Aldeias Infantis SOS.

1997-Retorna a Ubiratã. Dedicar-se a compor canções religiosas.

1998-Participa da coletânea Sonhar Faz P´Arte, editado pela Aliubi.

1999-Ingresa na imprensa, inicialmente no jornal O Vale do Piquiri.

2002-Grava CD independente, com 12 músicas religiosas, todas de sua autoria.

2004-Grava novo CD, com mais 13 músicas de sua autoria, mas não o divulga.

2006-Com a ajuda de amigos funda a Companhia Ubiratanense Independente de Cinema Amador – CUICA, em 1º de abril. Em 15 de julho começa a filmar “Germano Teixeira”, filme que escreveu, produziu, atuou, dirigiu e também compôs e gravou a música-tema.

2007-Realiza o lançamento de “Germano Teixeira”, em 31 de março. Em 1º de setembro começa a filmar “Tenente Marcondes”, também de sua autoria.

2008-Realiza lançamento de “Tenente Marcondes”, em 29 de março.